

ANCESTRALIDADES AFRODIASPÓRICAS NA LITERATURA: NARRATIVAS DE (RE)EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO SOCIAL DE CONCEIÇÃO EVARISTO

APHRODIASPORIC ANCESTRALITIES IN LITERATURE: NARRATIVES OF (RE)EXISTENCE IN THE SOCIAL THOUGHT OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Elenice de PAULA¹

Jaison José BASSANI²

Resumo: Este texto busca analisar o pensamento social de Conceição Evaristo empregado nas obras *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos D'água*. Ao partir do pressuposto de que a autora se insere como expoente do pensamento social brasileiro, junto do entendimento dessas obras como literatura diaspórica, busca-se investir, na análise, observações sobre como a narrativa dessas obras investe em uma identidade valorativa de um eu anunciador negro e com personagens negros, em vista de uma imagem e construção identitária valorativa de si. Junto disso, a ancestralidade permeia todo o conjunto discursivo da obra, tanto por meio de elementos que remetem ao diálogo/aliança com os ancestrais, como das reivindicações para novas vidas possíveis de serem vividas. Assim, com base nos estudos de Oliveira (2005) sobre ancestralidade, estabelece-se um percurso investigativo nas três obras selecionadas, de modo a perceber as convergências e divergências, por meio da narrativa endereçada em cada obra, exibem experiências e a construção identitária de uma corporeidade negra como valorativa. De tal modo, a ancestralidade serve como um fio condutor para perceber e compreender as trajetórias e histórias de vidas de personagens que parecem se confundir com histórias reais. Acredito que, a partir da análise, Conceição Evaristo permite estabelecer uma conexão, tanto em sua narrativa permeada pelo diálogo ou pela própria ancestralidade como uma educação do olhar, da sensibilidade de seus/as leitores/as, um encantamento do mundo em que a ancestralidade é percebida/aderida ao tempo em movimento.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Narrativas Literárias; Mulheres Negras; Pensamento Social Brasileiro; Sensibilidade.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED-UFS. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGE-UFSC. E-mail: paulaelenice2815@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7711-6384>

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGE-UFSC. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGE-UFSC. E-mail: jaisonbassani@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2769-8747>

Abstract: This text seeks to analyze the social thought of Conceição Evaristo used in the works *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* and *Olhos D'água*. Starting from the assumption that the author inserts herself as an exponent of Brazilian social thought, along with the understanding of these works as diasporic literature, I seek to invest in the analysis, observations on how the narrative of these works invests in a valued identity of a black announcing self and of its black characters, in view of an image and self-evaluative identity construction. Along with this, ancestry permeates the entire discursive set of the work, both through elements that refer to the dialogue/alliance with ancestors, and through claims for new lives that can be lived. Thus, based on studies by Oliveira (2005). Regarding ancestry, I establish an investigative path in the three selected works in order to perceive convergences and divergences through the narrative addressed in each work, exhibiting experiences and the identity construction of a black corporeality as a value. In such a way, ancestry serves as a guiding thread to perceive and understand the trajectories and life stories of characters that seem to be confused with real stories. I believe that, based on the analysis, Conceição Evaristo allows us to establish a connection, both in her narrative permeated by dialogue or by her own ancestry, as well as an education of the gaze, of the sensitivity of her readers, an enchantment of the world in which ancestry is perceived/adhered to time in motion.

Keywords: Conceição Evaristo; Literary Narratives; Black Women; Brazilian Social Thought; Sensitivity.

Introdução

Este texto integra parte de pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGE-UFSC, em dissertação intitulada “Da suavidade às histórias carregadas de pedras: a escrevivência como pensamento social brasileiro em Conceição Evaristo”, defendida em 2023. Na pesquisa, parto da análise das obras *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos D'água*, escritas por Conceição Evaristo. Parto do pressuposto de que a autora se insere como expoente do pensamento social brasileiro por meio de uma literatura diaspórica. Junto de suas obras, é possível observar as reivindicações da autora, tanto de sua inserção no campo literário como mulher negra intelectual, como daquelas anunciadas por meio das histórias de personagens. Nisso, o pensamento liminar, como nos sugere Mignolo (2020), emerge como forma de romper vozes que foram silenciadas e insurgir com outros saberes.

Partir da compreensão das narrativas de Conceição Evaristo como literatura diaspórica exige o exercício de perceber como, por meio de suas histórias, o pensamento da autora reivindica outras formas de explicar o mundo. Ou, como sugere Boaventura de Sousa Santos, a (re)construção de novas pedagogias cognitivas, pois, como um processo de valorização da diversidade cognitiva, expõe como o pensamento social exige um

exercício não eurocentrado, que vai “procurando construir procedimentos capazes de promover o interconhecimento e a interinteligibilidade” (Santos, 2021, p. 177). Assim, com diferentes formas de interpretar e explicar a realidade social observada, a literatura da autora promove uma revisão epistêmica, ou o pensamento liminar, que se expande a novos sentidos expressos em narrativas de (re)existência. Noção que compreendo como em conjunto ao ato de resistir as mais variadas formas de exclusões e, existir, dado ao apagamento das histórias e trajetórias da população negra.

Nesse aspecto, Conceição Evaristo assume a posição de um eu anunciador que deseja ser visto/a e compreendido/a como sujeito negro. Em conjunto com as personagens, que também são negras, ao serem narradas com protagonismo rompem com um passado mítico na literatura (e também em toda a produção acadêmica e outros espaços) em que eram vistos, narrados e interpretados como objeto, como o elemento marginal e periférico. Por conta disso, reforço: a literatura escrita por pessoas negras é um ato de (re)existir. Assim, em um movimentar-se das memórias as histórias, a literatura de Conceição Evaristo perpassa por entrelugares de disputas afirmativas (Paula, 2023).

Como demonstram Debus (2017), Ferreira (2015), Kilomba (2019) e hooks (2020), a escrita narrada, a partir de sujeitos negros, especialmente de mulheres, parte de e provoca outras sensibilidades, em que o fato de narrar assume o compromisso com a valorização, do íntimo ao coletivo, da identificação e pertencimento com a cultura afro-brasileira, sem se desvincular da ancestralidade africana, ou seja, há vinculação do passado com o presente por meio de distintas experiências que são transmitidas e significadas por meio das relações coletivas. Materializar essas ideias, reflexões e experiências é conduzir uma escrita pautada na escrevivência, ou seja, as histórias são guiadas por experiências reais. E, como indicam Kilomba (2019) e hooks (2020), são formas de conhecimento, mas, por vezes, foram negligenciadas.

Diante disso, este texto tem como objetivo levantar considerações sobre o pensamento social brasileiro de Conceição Evaristo, a partir das obras *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos D'água*. Ao partir do entendimento dessas obras como literatura diaspórica, busco investir na análise e em observações sobre como a narrativa empregada nessas obras investe em uma identidade valorativa de um eu anunciador negro e que seus personagens são negros, em vista de uma imagem e construção identitária valorativa de si. Junto disso, a ancestralidade permeia todo o conjunto discursivo da obra,

tanto por meio de elementos que remetem ao diálogo/aliança com os ancestrais, como das reivindicações para novas vidas possíveis de serem vividas.

Compreendo por ancestralidade, tal como indica Eduardo David de Oliveira (2005), um processo de conectividade entre o reconhecimento de um passado e o conjunto de práticas explicativas permeadas por significados que dão sustento no tempo e no espaço. Como uma multiplicidade de estampas, configura o tecido social que é constituído por elas. Assim, para o autor,

[a] ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade. Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais (Oliveira, 2005, p. 258).

Como uma encruzilhada em confronto com o antigo e o novo, com o movimentar-se no tempo e espaço, a ancestralidade, ao mesmo tempo que serve de orientação para explicações sobre o mundo, a realidade social, serve como um processo de afirmação e reconhecimento identitário com seus pares. Como diz Oliveira, uma arma política, pois se firma em confronto com explicações, interpretações e significados ocidentais, eurocêntricos, que atingem diferentes grupos. Dessa maneira, perceber a configuração social e sua interpretação literária, por meio da ancestralidade, é estabelecer um exercício de conectividade entre os pares, de reconhecimento, (re)existência e alternativas para a equidade, tendo em vista que o pensamento ancestral visa oportunizar o encontro, não a separação, distinção ou exclusão. Pois, como destaca Oliveira, “a ancestralidade é um território sobre o qual se dão as trocas de experiências: significados, materiais, linguísticas etc.” (Oliveira, 2005, p. 258).

A partir da noção de literatura diaspórica, percebo que a ancestralidade é movida e movimentada nas narrativas analisadas, entrelaça saberes e experiências do passado e presente como um exercício de afirmação e reparação histórica. Estabelece novos signos, sentidos e significados para os sujeitos narrados, por meio de cosmovisões ancestrais e vinculadas ao presente. Um letramento racial em que, segundo Oliveira, “educar o olhar é Educação”. No caso da cosmovisão africana, educa-se para a sabedoria, para a filosofia da terra, para a ética do encantamento. Educar é conhecer a partir das referências culturais

que estão no horizonte de minha história (ancestralidade)” (Oliveira, 2005, p. 260). Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo permite essa conexão, tanto sua narrativa permeada pelo diálogo ou pela própria ancestralidade como uma educação do olhar, da sensibilidade de seus/as leitores/as, um encantamento do mundo em que a ancestralidade é percebida/aderida ao tempo em movimento.

Como pontua Oliveira,

[o] encantamento é uma experiência de ancestralidade que nos mobiliza para a conquista, manutenção e ampliação da liberdade de todos e de cada um. Assim, é uma ética. Uma atitude que faz sentido se confrontada com o legado dos antepassados. Confrontamento que faz sentido se atualizado na contemporaneidade (Oliveira, 2012, p. 42).

Diante disso, Conceição Evaristo, imersa nesse olhar sensível, por meio da ancestralidade, estabelece uma conexão com o passado, não simplesmente como algo contínuo no tempo, mas, ao promover o pensamento social, ao interpretar o seu presente por meio da narrativa literária nos expõe como a ancestralidade é como um fio condutor para interpretar o presente. Em meio às construções identitárias, as disputas que também circundam o tempo em movimento são confrontadas com outros modelos explicativos.

Ponciá Vicêncio: o corpo de menina e o fazer-se mulher ancestral

A ancestralidade é como um movimentar-se no tempo. Compreendê-la e explicar as transformações e permanências no mundo servem de abertura para a obra *Ponciá Vicêncio*. Quando, ainda menina, sobre a presença do angorô o arco-íris ou cobra celeste, como é mencionado, Conceição Evaristo expõe seus referenciais religiosos, como Oxumarê. Tal como indica Ana Ximenes Gomes de Oliveira (2015), “angorô significa uma qualidade de Oxumaré (orixá que representa movimento, transformação e renascimento)” (Oliveira, 2015, p. 88). Nesse sentido, Conceição Evaristo anuncia que a menina, ao se deparar com o arco-íris, passará por mudanças, assim como a instiga a pensar se está preparada para elas. Como indica Oliveira, “o arco-íris também é referido pela voz narrativa como ‘cobra celeste’, sendo esta referência da ‘cobra’ uma das também remetidas a Oxumaré. O símbolo da cobra que come o próprio rabo, o Ouroboros, remete ao renascimento cíclico das coisas e de tudo que é vivo” (Oliveira, 2015, p. 88). Outra

associação também remete à cobra, como o empréstimo das cores do arco-íris para as cobras. Em *Ponciá Vicêncio*, a figura da cobra aparece três vezes: quando Ponciá retorna para a casa em busca da família; quando o irmão Luandi também faz o mesmo depois de um tempo na cidade e encontra a casca da cobra em meio às cinzas; e quando a mãe de ambos encontra a cobra no mato próximo de casa, momento em que decide partir em busca dos filhos. Roberta de Araujo Lantyer Duarte, ao investigar o romance *Ponciá*, afirma que “a cobra aqui é um sinal de renascimento, e do ciclo da vida” (Duarte, 2021, p. 143). Nesse sentido, a cobra aparece em momentos que conduzem à tomada de decisão. Como um renascer das cinzas, em que tudo parecia acabado, a figura da cobra conduz a mudanças que permitirão a ligação com o passado.

Assim, nesse conjunto de sentidos e significados, Conceição Evaristo apresenta a protagonista da história, um movimentar-se da menina que se faz mulher, das inquietações com o nome, da conexão com o passado ancestral familiar e dos sentidos e significados atribuídos àquilo que a liga ao seu grupo, como a água e o barro. Isso é constantemente lembrado, como quando decide seguir em viagem para a cidade, “se preparava para se afastar do lugar em que havia nascido. Da terra que guardava o seu umbigo, que ali fora enterrado selando, pois, a filiação dela com o solo do povoado” (Evaristo, 2017, p. 90). Dessa maneira, a conexão com a terra se fazia logo após o nascimento. Prática ainda recorrente (Campos; Silva, 2011), enterrar o umbigo de Ponciá nas terras do povoado onde vive representa o entrelaçamento de si com as origens, a ligação com os seus e a natureza com a expectativa de um futuro promissor para a menina.

Ponciá Vicêncio é uma menina que cresce em meio às águas e ao barro. Artesã, saber transmitido por sua mãe, domina a arte de manusear o barro e construir objetos. Com grande aproximação com o rio e as águas, elemento simbólico de condução, Ponciá estabelece sua conectividade com suas origens, com a natureza e a ligação desta com seu antepassado. É nesse constituir-se em meio ao fluxo das águas e a arte de dominar o barro que Ponciá evoca a figura do avô. Mesmo sem o ter conhecido profundamente, já que ele morreu quando a menina tinha apenas três anos de idade, ela o constituiu como objeto, fazendo uma cópia tal como o real, com os detalhes sobre o corpo, principalmente do “braço cotoco”, pela tentativa em vão de suicídio após ter matado a esposa, em meio aos devaneios sofridos pelo passado escravista. A estatueta gerou incômodo aos demais, pois Ponciá quase nem havia visto o avô, como lembrar das características do homem? Tais

fatores levam a narradora a apontar as crenças, os possíveis diálogos entre os vivos e os mortos.

É nesse conjunto de elementos entre água, terra e o avô que a ancestralidade fortalece Ponciá, a faz seguir por distintas águas, dominar a terra por onde ela passa, ser ativa, reivindicar os problemas que provocam as mazelas da vida. Principalmente o incômodo de ser uma Vicência, não pelos seus, mas pela extensão do domínio do Coronel Vicência, de marcar as pessoas que mantinha sob o regime da escravidão, e a continuidade em meio aos descendentes. O protagonismo é constantemente revitalizado quando recorda do avô, não só pela estatueta, mas pela suposta herança que atravessa toda a trama da obra. Assim, quando sai do quilombo e vai para a cidade, ao se afastar dos seus, Ponciá fica cada vez mais fraca, frágil e à mercê dos problemas que parecem carregá-la. Cada lembrança do avô move-se como força, principalmente quando encontra a estátua do homenzinho no fundo do baú, momento em que retorna da cidade em busca de notícias da mãe do irmão.

Nesse aspecto, a ancestralidade permanece como um fio condutor da história, um elemento que marca múltiplos aspectos, a conectividade do passado e o imaginário do que e como poderia ter sido. Tal como indica Teresa Manjate (2023), “como passado, a ancestralidade está ligada às origens e práticas e valores que de certa forma apelam para a reconstrução de um ideal, à procura de um mundo perdido (como era, como sempre foi, inscrevendo uma história” (Manjate, 2023, p. 16). Desse modo, tanto a vida real como a ancestralidade, ou a própria construção literária de Conceição Evaristo, servem como uma orientação para a religação, para que sejam (re)estabelecidos laços, que sejam imaginadas vidas possíveis, como foram ou como poderiam ser, aspecto sobre o qual Manjate destaca que

[e]ssa visão concorre para associar a ancestralidade a uma categoria que explica os modos de pensar e de fazer como princípio básico na organização dos ritos que regem e legitimam a vida imaterial, para além das relações sociais dos membros de comunidades em espaços internos e externos (Manjate, 2023, p. 16).

Por isso, é impossível desassociar Ponciá do seu elo entre passado e presente, da identidade dela com os seus. Na história, segundo os familiares de Ponciá, antes de morrer, seu avô havia comentado que deixaria uma herança para a neta. Sem saber

exatamente o que seria, muitas vezes ao longo da história, dá-se a entender que seja a posse das terras onde moravam, que haviam recebido do coronel, porém, essa herança nunca foi descoberta. Entretanto, como uma simbologia de ligação entre Ponciá e o avô, a herança é a ancestralidade. É nessa ligação entre passado e presente, como força para Ponciá seguir que se faz a herança, continuidade que a conecta a suas origens, aquilo que a torna integrante de sua comunidade, mas, ao mesmo tempo, como o presente é constituído por essa extensão ancestral, como elemento favorável na menina que se constitui mulher e reconhece suas origens, ela se identifica com os seus e partilha as mesmas lembranças de passado e os mesmos interesses de futuro. Uma recordação que entrelaça um passado ora lembrado como positivo, mas também que desperta crítica às imposições opressoras das relações sociais que insistem no presente.

Nesse sentido, a narrativa da autora expõe o encontro com os dois mundos marcado pela ancestralidade, pelas crenças, pela sabedoria e explicações de mundo que integram a coletividade, o pertencimento de si ao grupo, à natureza e à espiritualidade. Entretanto, Ponciá, menina que percebe o cruzamento entre dois mundos, aquele ao qual já está habituada em confronto/transformação com aquele que exige outros saberes e interpretações, faz com que ela tenha o interesse de estudar, não simplesmente dominar a leitura e a escrita em si, mas devido aos sentidos e significados que a educação assume quando a ancestralidade, a oralidade e as crenças são pouco ou quase nada valorizadas. Assim, Ponciá pede a benção da mãe para ter acesso à escola que os missionários haviam construído. A permissão da mãe instiga uma possível mudança, pois, como afirma, “quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler” (Evaristo, p. 25, 2017). São mundos paralelos, explicações e formas de viver a vida bem distintas entre o povoado e a cidade, como é constantemente referenciada, sem um nome. Por isso, como narra Conceição Evaristo:

Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e da colheita, o tempo das águas e das secas. A garrafada para o mal da pele, do estômago, do intestino e para a excelência das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça é diferente em tudo o da cidade (Evaristo, p. 25, 2017).

Os saberes do campo misturavam a ancestralidade, a oralidade comum àqueles que não dominam a escrita. Assim se fazia o saber, na experiência e na transmissão familiar, por meio dos mais velhos. Como na figura de Nêngua Kainda, a mulher velha que vive no vilarejo, que sabe das coisas sem alguém ter contado para ela, representa a sabedoria, o acúmulo de saberes ao longo da vida, com crenças e magias que faz crianças nascerem, cura as pessoas com as magias para o corpo e alma, representando a figura da anciã, e também a orixá Nanã “guardiã do saber ancestral” (Prandi, 2001, p. 21), seus ensinamentos conduzem a vida do povo em conjunto com a religiosidade e crença aos orixás.

De tal maneira, Conceição Evaristo nos apresenta o cenário social que Ponciá vive, das crenças e saberes tradicionais que são praticados para resolver os males do corpo e da alma, de saber se orientar no tempo pelas fases da lua e de ler o clima, pois é dessa forma que garantiria sucesso na colheita. Corpo e alma alimentavam-se desses saberes, faziam-se necessários e eram eles que conduziam a continuidade do grupo. Contudo, como afirma a mãe de Ponciá, “era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra” (Evaristo, 2017, p. 25). Assim, quando cresceu e saiu do povoado, “o inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem, que durou três dias e três noites” (Evaristo, 2017, p. 32). Na cidade, foi como adentrar outro mundo, em que os códigos e sinais eram distintos do campo. Para o irmão, talvez tenha sido ainda mais difícil, pois foi a menina Ponciá que se aventurou no mundo das letras.

Ao chegar na cidade e perambular pelas ruas, ao parar as mulheres que saíam da missa após passar a noite na escadaria da igreja os saberes se confrontaram, os mundos distintos ficaram ainda mais explícitos, pois como a moça afirmava, “não tinha experiência de cuidar das casas de ricos, porém sabia lidar bem com o barro” (Evaristo, 2017, p. 38). Contudo, esse saber não se fazia necessário, era preciso dominar outras técnicas exigidas pela cidade. Práticas que agiam simbolicamente como tentativas de afastar Ponciá de seu povoado e também para marcar as distinções, não só entre campo e cidade, mas as do corpo, as sentidas na pele, e pela extensão dessas marcações nos espaços e atividades que fazia. Cada vez mais sozinha, calada, como indica Conceição Evaristo,

[a]costumada a poucas coisas, Ponciá Vicêncio ia trabalhando e juntando dinheiro para comprar um barraco. Escrevia muito para a mãe e para o irmão. Como eles não sabiam escrever e nem o carteiro passava lá pelas terras dos negros, ela nunca soube se eles recebiam notícias suas (Evaristo, 2017, p. 40).

Assim, com a solidão que assolava sua vida, distante de tudo o que amava e a fazia viver, depois de ter se envolvido com o filho da patroa e ter seu dinheiro roubado, ficou ainda mais difícil comprar sua casa e ajudar sua família. Com o marido que a agredia e a maternidade que apenas a ameaçou por sete vezes, sem nenhuma ter vingado, havia em Ponciá um vazio, um desejo de voltar para o vilarejo em busca de notícias dos seus. Aproximar-se de sua terra, da água, de suas origens, encontrar a estátua do avô que havia feito a fizeram fortalecer, remendar os pedaços de vida que ainda sobravam com aqueles dos quais sentia falta. Como narra Conceição Evaristo, quando Ponciá, sem ter encontrado a mãe e o irmão, ao perambular pelas casas que ofertavam estadia e comida, ouvia as histórias, “bebia os detalhes do passado remendando cuidadosamente o tecido roto do passado, como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desamparadamente nua” (Evaristo, 2017, p. 55). Ou seja, a ancestralidade de Ponciá precisava ser revitalizada, lembrada para não a deixar perdida, sozinha. Nesse aproximar-se dos seus, mesmo que apenas com o contato com a estátua do velho, ao retornar para a cidade, no outro dia já manifestava uma energia que lhe ativou a pele. Com as mãos coçando, inicialmente estranhou, pois “ela nunca tivera nada na pele. Ao nascer, o primeiro banho tinha sido de sangue de tatu, o que deixou Ponciá imunizada para qualquer mal nesse sentido” (Evaristo, 2017, p. 64).

É por meio das lembranças que vão se aguçando, em Ponciá, que Conceição Evaristo explora o conjunto de elementos que configuram a ancestralidade da menina/moça/mulher. Do contato com a terra, com o povoado, com a estátua do avô como se fosse diretamente com os seus, a memória ativada sobre o banho de sangue de tatu como elemento de proteção a faria recordar que estaria protegida dos males da vida, era preciso seguir. Assim, materializada por meio da escrita sobre as personagens, a autora mergulha seus/as leitores/as em meio à tradição, aos costumes comuns de um povo, às crenças e formas de conduzir a vida marcada pelo encontro com os seus e um sentimento de pertencimento e união. Desse modo, lembrar e narrar configuram-se como um não esquecer, uma história movida pelas lembranças de quem viveu e ainda vive por meio delas, em lembrar que está protegida para a vida.

A vida de Ponciá, mesmo com as lembranças ativadas, parecia estar perdida, sem rumo, desconstruída dos seus, pois, como indica a autora, Ponciá, “perdera o elo com os vivos e os mortos seus”. Quando tudo parecia estar perdido, o reencontro com a mãe e o irmão não foi apenas físico, mas um mergulho nas águas ancestrais do passado e como elas deveriam continuar seguindo a vida de Ponciá. Assim, a compreensão sobre a vida, o passado e o presente só existiriam a partir da conectividade com os seus. Como narra Conceição Evaristo, foi então que

[c]ompreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era uma mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que vieram a ser (Evaristo, 2017. p. 110).

“Era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás” (Evaristo, 2017. p. 110). Talvez esse seja o maior desafio/desejo de Ponciá, ou até mesmo de Conceição Evaristo, de perceber e compreender a conectividade ancestral no tempo. Para Ponciá, seguir e existir precisou se aproximar dos seus, ancestralidade que marca a busca pelas origens, por um passado que deve sempre ser lembrado, pela coletividade, em que o ser (Ponciá) só se faz diante dos seus, de referenciais que a instituem como mulher. A força de Ponciá se faz por esse encontro com o passado, não acabado, mas fortalecido. São novas interpretações do mundo que se abrem, os sentidos sobre o tempo, os fatos e como eles, ao mesmo tempo que interferem na formação de si, servem como orientação explicativa para compreender a dimensão da vida, não linear, mas multifacetada. Conjunto simbólico e explicativo que serve de elemento para o que Santos (2021) chama de “dimensão epistemológica”. Como indica o autor, “comparar ou contrastar o conhecimento científico e o conhecimento artesanal, a fim de imaginar as diferentes preocupações que cada um deles transmite e os diferentes interesses a que cada um deles serve ou pode servir” (Santos, 2021, p. 189). Assim, o pensamento social de Conceição de Evaristo, por meio da literatura, exibe um exercício de novos modelos explicativos sobre as configurações do tempo e a movimentação dos

sujeitos imersos em distintos espaços sociais, que vão constituindo seus corpos, significados e (re)invenções de vida.

Becos da Memória: corporalidades ancestrais

Em *Becos da Memória*, de maneira ainda mais intensa, Conceição Evaristo nos apresenta o mal estar de uma situação humana, de um passado que não passa, daquele, em que “a vida passou e passou trazendo dores” (Evaristo, 2017, p. 20), uma reflexão/ficção que aparecem manifestações do real em que se torna possível levantar dados da sociedade, das insistências de dor e sofrimento, mas também daquelas que conduzem a vida para a esperança.

Aos olhos de Conceição Evaristo, a escravidão, abolicionismo e o pós-abolição servem como linha para costurar o tecido social forjado a partir de relações socialmente excludentes. A crítica ao racismo conduz a narrativa da autora que instiga seus leitores a refletirem sobre os dilemas do tráfico de pessoas da África para o trabalho escravo, das vidas deixadas do outro lado do Atlântico, da extensão de novas formas de viver e sobreviver em novas terras, marcadas por dor, sofrimento, disputas e invenções de como conduzir a vida.

Assim, como um jogo distribuído em três tempos, do passado do cativo, do abolicionismo e dos movimentos de resistência, e já quando a escravidão não era legítima, Maria-Nova conta e escuta as histórias de si e da vida de distintas personagens que são filhos/as, netos/as ou bisnetos/as de pessoas escravizadas. Desse modo, *Becos da Memória* se inscreve como uma forma de transmissão das oralidades, primeiro por sua narrativa insistir nas histórias, memórias e escrivências que partem do conjunto de valores, desejos ou anseios de um grupo; segundo, pela própria composição da obra, em que as personagens são inundadas por lembranças, por memórias e visões da realidade que são materializadas na escrita em nome de Marias, Cidinhas, Titas, Tonhos, Zés, tios, tias, irmãos, irmãs dentre tantas as personagens que só podem ser compreendidas pela coletividade, pela complexidade da vida atravessada por problemas mas em meio ao fazer-se da cultura, como a transmissão de valores, de ideias, do comunicar-se por meio das oralidades. Tal como destaca Manjate (2023):

[o]ralidades, no plural, porque envolve muitos aspectos – da voz, veículo de excelência da sua materialização, aos valores a ela adstritos: a visão do mundo e os mecanismos de representação. Igualmente no plural, a palavra ‘escritas’ convoca a escrita literária e não literária em suas múltiplas feições. Literárias ou não, as oralidades fornecem muitos sinais sobre a sociedade em que vivem e circulam, por meio dos mecanismos de representação ou da construção do simbolismo que lhes são inerentes – e, consequentemente, da construção do imaginário coletivo (Manjate, 2023, p. 17).

Desse modo, é por meio das narrativas das personagens, materializadas na escrita de Conceição Evaristo, que as histórias são evocadas para mediar a vida entre o passado e o presente, das lembranças ou marcas da escravidão, algo nada difícil de identificar, quando todo o morro em que vive é formado por elas. Um exercício crítico que aponta o passado e a reconfiguração de seus efeitos no presente, com a extensão do aprisionamento de pessoas, agora de diferentes formas, como a vida difícil no morro, as ausências de direitos, o trabalho árduo das lavadeiras e empregadas domésticas exploradas sem direitos trabalhistas, a corrida contra a fome, a sede por água e pela vontade de viver de forma humanizada. As precariedades da vida fazem Maria-Nova questionar aquela realidade, pois “sabia, por sua própria vivência, que na favela se concentram a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre favela e a senzala, mas mais se entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia pouco amor e muito ódio” (Evaristo, 2017, p. 137). Nesse sentido, o pensamento social de Conceição Evaristo é configurado em meio às linhas que tecem a crítica da personagem. Um fazer literário sustentado pela escrevivência que apresenta os amargos sabores da vida com o desejo e alternativas para se experimentar sabores mais doces.

Do mesmo modo que na obra *Ponciá Vicêncio*, em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo enfatiza as águas que auxiliam na travessia da vida. Aquelas que separam continentes e, ao mesmo tempo que distanciam as pessoas, servem para unir territórios e manter uma conexão entre os grupos, que, do outro lado, reconstróem-se com novas manifestações culturais como dança, língua e religião. Transformações marcadas por (re)existências em meio ao projeto colonizador, como pode ser percebido quando Maria-Nova fala do avô de Maria-Velha no momento em que questiona seu filho Luizão. Do medo de perder misturado ao sentimento de perda dos filhos/as que, em sua maioria, haviam sido vendidos, não só pelo confronto direto de não aceitar a escravidão, mas pelas manifestações culturais que marcam a identidade do grupo. Como narrado em *Becos da Memória*:

Quando venderam a sua irmã por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa-grande. Chorou a noite toda. E o pai uma surpresa. **Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante. O pai pensava que o garoto soubesse falar só a linguagem dos brancos. Qual nada! Surpresa e alegria, Luís falava aquela linguagem tão bonita!** No outro dia Luís sumiu. O avô de Maria chegou até a pensar que os sinhôs tinham vendido o rapaz também. Eles já tinham vendido a sua mulher e os outros filhos. Será que tinham matado o menino? (Evaristo, 2017, p. 34, grifo nosso).

O desfecho dessa história, a longo prazo, mesmo que assim como as demais que acabam no morro, sinaliza para diferentes formas de resistências, tanto do poder da literatura em auxiliar o processo de reconhecimento e identificação de si, como da reivindicação por personagens negras como protagonistas, tanto na história literária como pela negação à escravidão. Soma-se ainda a marcas de (re)existência a delicadeza de Conceição Evaristo em demonstrar a extensão dos laços ancestrais por meio da linguagem. Sendo a África constituída por uma grande variedade linguística³, a autora sinaliza que a língua que Luizão dominava era diferente da dos brancos, daquela utilizada como dominação no modelo colonizador. No presente, são manifestações individuais que acima de tudo perpassam/formam o coletivo, tal como indica Manjate, pois, segundo a autora, ancestralidade “inscreve uma continuidade, configurando a ideia de aceitação e reiteração de práticas e valores sociais e culturais herdados do passado e que ainda permanecem vivos, recuperados e/ou recuperáveis no seio das comunidades” (Manjate, 2023, p. 16). Desse modo, o domínio da língua de origem aponta para o saber ancestral, perceber os vínculos instituídos por meio da língua, e, principalmente, a não aceitação da dominação, o fazer-se enquanto sujeito negro que (re)existe e insiste em se desvincular das relações de opressão. Esse ponto pode ser observado ainda na condução da história, quando Luizão retorna e Conceição Evaristo apresenta que,

[u]m dia, sem quê nem pra quê, apareceu o menino, voltou já rapaz, homem feito. Luís de barba no rosto, alto, muito alto, sempre com aquele olhar distante.

- Pai, vamos daqui, não é preciso nem falar sinhô da fazenda. Nessas andanças descobri tantas coisas... **Há muito que o branco não é dono de negro. Nem**

³ Conforme Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez (2005), a África é constituída por mais de 600 grupos linguísticos originários daquele continente (Hernandez, 2005).

vender Iya, a mãe, com os filhos, nem vender Ayaba, minha irmã, podiam. Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei madeira e vendi (Evaristo, 2017, p. 34, grifo nosso).

Temos aqui a crítica de Conceição Evaristo ao sistema escravocrata, no qual, mesmo tendo sido proibido por lei desde 13 de maio de 1888, foram mantidas distintas formas de exploração às pessoas escravizadas. Houve até mesmo a continuidade do próprio regime escravista, uma vez que a informação sobre a Lei Áurea insistia em não chegar, “há muito que o branco não é dono de negro” (Evaristo, 2017, p. 34). Assim, Luizão, como várias outras personagens, representa o ativismo, o protagonismo de sujeitos que foram contrários ao sistema escravocrata e representa o rompimento da ideia de passividade escrava, assim como um letramento racial, que expõe as formas de reinventar a vida, de fazer-se como sujeito e do reconhecimento e identificação de si e com os seus.

Marcas de reconhecimento são constantemente reiteradas por Conceição Evaristo, como quando Maria-Nova, atentamente, escutava as histórias de Negro Alírio, como um fazer-se por meio da oralidade, da escuta dos mais velhos, Conceição Evaristo destaca, que, a menina “gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro, ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado, negro filho da puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais!” (Evaristo, 2017, p. 95). Temos aqui, novamente, um duplo processo de reconhecimento intensificado pelo letramento racial: primeiro, a imagem positiva do negro sendo narrada, como precursor da história, como sujeito ativo em sua imagem corpórea positiva; segundo, do poder literário de apresentar essa narrativa e ampliar seu poder de impacto, tanto para leitores/as negros/as em seu processo de autorreconhecimento valorativo, como para não negros, como parte de um processo de uma educação para as relações étnico-raciais, do fortalecimento da luta antirracista, em que esses/as leitores/as construirão novas formas de pensar-olhar-narrar as pessoas negras e questionar o seu papel em uma sociedade racista.

Ainda em relação à história de Luizão, são enfatizados diferentes nomes que exploram a ancestralidade, algo recorrente nos três livros analisados. Esse diálogo com os ancestrais remete à aproximação da própria autora, que investe em suas personagens o autorreconhecimento e identificação com suas origens, e na continuidade da história,

quando o pai de Luizão recorda da filha que já não estava mais entre eles. Conforme a recordação narrada por Conceição Evaristo:

Naqueles momentos tinha impressão de ver a vida se repetindo. Maria era igual, era a imagem pura de sua filha Ayaba. Filha para quem ele escolherá um nome bonito. Os sinhôs naquele dia estavam de bom humor ou de bom coração talvez e permitiram que ele, o pai, escolhesse o nome. **Filha que ele pôde chamar de Ayaba que na linguagem dele e de seu povo significava Rainha** (Evaristo, 2017, p. 35, grifo nosso).

O brutalismo poético de Conceição Evaristo, ao mesmo tempo que expõe as dificuldades em se viver e manter laços familiares durante a escravidão, utiliza a associação mencionada na história como um elemento de (re)existência e aproximação com os seus. Maria-Nova, personagem sempre atenta às histórias, decifra os vestígios do tempo no incômodo de que as histórias pareciam se repetir, mesmo com alguns pontos diferentes, pareciam ser tudo do mesmo. Como narrado pela menina/autora, “um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito” (Evaristo, 2017, p. 63). Contudo, mesmo na condição de escravizado/a, sob a vigilância e controle dos senhores e nas tentativas de desvincular dos arranjos familiares, a estreita fresta que se abriu fez com que o nome atribuído a Ayaba servisse como o elo entre o passado e sua vivência no presente, somado ainda à valorização das mulheres como protagonistas da história, essa que está envolvida no significado das Ayabas. Para Mãe Stella de Azevedo Santos (2010), “Áyaba é um termo honorífico dado às divindades femininas de cultura Yorubá” (Santos, 2010, p. 167). Rosamaria Barbara (2002) indica que as Ayabas, “são os orixás femininos: Oxum, Obá, Oíá, Iemanjá, Euá e Nanã. A designação também se aplica aos filhos e filhas desses orixás” (Barbara, 2002, p. 29).

Ainda em relação à atribuição dos nomes dos/as personagens, Laryssa Oliveira Sales (2020), ao discorrer sobre o significado do nome Ayaba, em projeto desenvolvido para o curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília (UNB), indica que “Ayaba, Iabá ou Aiabá significa ‘Rainha Mãe’ e, no Candomblé, é o termo usado para designar as Orixás mulheres” (Sales, 2020, p. 13). Nesse sentido, Conceição Evaristo explora a forte associação entre ancestralidades, religiosidade e o protagonismo das

mulheres, narrativa que apresenta um eu enunciador que se reconhece como mulher negra, com a religiosidade e ancestralidade. Ao atribuir nomes que indicam essa conectividade, explora as transmissões de conhecimento, como indica Sales, “sempre que as Ayabas se fazem presentes neles, são mulheres fortes e imprevisíveis, guerreiras e inteligentes, sempre prontas para defender os reinos que governam” (Sales, 2020, p. 13).

Com base na análise das obras, o saber das mulheres e o protagonismo delas é uma constante. Entretanto, cabe destacar que Conceição Evaristo se utiliza de distintos detalhes que expandem a associação e valorização da ancestralidade, em especial das mulheres. Além da estética corpórea, do protagonismo e da associação a divindades, a forma como escreve os nomes apresenta indícios de uma literatura diaspórica que exige outras formas explicativas do mundo, entre eles o uso de letras maiúsculas para nomenclatura de determinadas personagens mulheres, como quando avó não é apenas uma relação consanguínea, em que a Avó, em maiúscula, firma-se por sua sabedoria, ancestralidade e legitimidade dentro de um grupo, ponto esse que pode ainda ser explorado a partir de outros nomes ou da ausência deles, como em *Ponciá Vicêncio*, em que seu marido não tem nome, forma simbólica de romper hegemonias e denunciar as distintas violências. Observações semelhantes também foram realizadas a partir da obra *Olhos D 'Água*, que será discutida em breve.

Manjate, ao analisar produções literárias moçambicanas, identificou que a relação do uso do termo Avó em maiúsculo indica a valorização dos saberes ancestrais, da legitimidade atribuída às experiências ao longo da vida e de seus usos para com seu grupo. Conforme a autora:

A Avó, sempre com letra maiúscula, inscreve a força institucional que lhe é inerente. É ela que aparece como guardiã da ordem da ligação de dois universos: o material, dos vivos, e o imaterial, onde habitam os mortos, os espíritos protetores da família; ela apazigua os espíritos dos ancestrais, louvando-os e pedindo proteção para os vivos. Simultaneamente, transmite um legado para os presentes que observam, esperando que, no futuro, possam realizar os mesmos rituais com sabedoria e precisão – em um processo de entrega de instrumentos que visa garantir a continuidade (Manjate, 2023, p. 19).

Temos, então, características que expressam as formas de transmissão da memória, de estreitar o elo entre o passado e presente em que são constituídos os valores ancestrais,

em especial as mulheres. Como mencionado, é recorrente nas obras de Conceição Evaristo a valorização do protagonismo das mulheres, uma das formas de oportunizar outras narrativas e explicações de mundo diante de vozes que foram silenciadas, seja na história das mulheres e, ainda mais, as mulheres negras como visto por meio de Kilomba, hooks, Ferreira, dentre outras, da própria narrativa literária produzida por mulheres negras, como das violências às mulheres constantemente praticadas ou ainda reproduzidas. *Becos da Memória* explora esse conjunto discursivo em que mulheres são ativas desde a capa, como visto, na qual as crianças estão no colo da Avó como conselheira e ancestral que tende a ensinar, a anciã que transmite conhecimento e leveza para vida. Como Vó Rita, responsável por parir “muito marmanjão e marmanjona haviam sido nenéns nas mãos de Vó Rita”, em que a sabedoria e o respeito ao conhecimento ancestral se conversam, pois, como intenciona Conceição Evaristo, em sua personagem anciã,

[q]uantas vezes um fuzuê estava armado e, se ouviam a voz de Vó Rita por perto, cada contentor tomava o seu rumo. Não era preciso ela dizer nada. Era só ouvir a voz de Vó Rita que o valentão ou valentona se desarmava todo. O amor de Vó Rita desarmava qualquer um (Evaristo, 2017, p. 86).

Desse modo, *Becos da Memória* explora incansavelmente o poder ancestral da sabedoria, das relações afetivas em torno da anciã como guardiã da vida de todos/as. A narrativa evoca os sentimentos construídos com base naqueles/as que viveram com elas, que trazem em suas memórias, ou talvez, na escrevivência de Conceição Evaristo, a valorização de mulheres como Vó Rita, colocada como primeira palavra que abre a obra, em maiúsculo, e ao longo de suas páginas são decifrados os vestígios do tempo de modo a afirmar na sua última linha que, “do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira” (Evaristo, 2017, p. 184). Ou seja, a ancestralidade é tida como elemento fundamental, um guia, base consolidada para a construção e condução do mundo e das memórias dos que virão depois.

Assim, a ancestralidade marca a condução da vida dos seus, da harmonia entre o grupo, da transmissão de saberes e das práticas de cura, das garrafadas, daquelas que pretendiam curar ou daquelas que buscam evitar que novas vidas encarassem a fome. Na ancestralidade práticas de cura se misturam a novos saberes e experiências, novos problemas e maneiras de encarar a vida. Como indica Celina Gontijo Cunha e Clézio Roberto Gonçalves (2018), a prática de benzimento originou-se da tentativa de sanar os

males. Bem vistas pelas comunidades, as benzedeadas são procuradas com respeito e como legítimas mediadoras entre os problemas e a solução. Para os autores, “por mais que as benzedeadas tenham absorvido os conhecimentos das ervas e plantas medicinais de uma forma empírica, no que diz respeito às propriedades curativas das plantas e ervas medicinais, não se difere do conhecimento erudito que se tem sobre elas” (Cunha; Gonçalves, 2018, p. 34).

Diante disso, com forte valorização da ancestralidade, Conceição Evaristo explora ainda o infinito universo do sincretismo religioso, das transformações culturais e explicações de mundo expostas por meio da religiosidade em que os/as mais velhos/as alicerçaram as narrativas em torno das esperanças, desejos e anseios. Desse modo, Conceição Evaristo explora alguns elementos que conduzem a compreensão das múltiplas religiões praticadas no morro, das que contemplam os orixás, mas também daquelas que evocam os santos, como no dia de Nossa Senhora da Aparecida, em que a oralidade marcava o ritual e a transmissão de conhecimento, pois “havia determinadas pessoas na favela que eram conhecidas como ‘tiradeiras de terço’” (Evaristo, 2017, p. 44), que visitavam os barracos nos dias considerados santos, rosários e terços marcavam os festejos como forma de comemorar a vida, em que se desejava melhorias diante das incertezas do viver.

Com devotos/as que recolhiam aqueles/as que peregrinavam pelos becos em meio as rezas, “cada área da favela tinha seus tiradores oficiais de terços. Poucos sabiam ler. A maioria sabia de cor as rezas e muitas vezes em latim” (Evaristo, 2017, p. 44). No entanto, no alvoroço das rezas e esperanças, o compartilhamento da vida, expectativas e o pouco que tinham são narrados pela autora como uma forma de demonstrar o laço entre os seus, muitas vezes com um café e um pedaço de pão, outras, como quando no dia de Nossa Senhora, “neste dia, rezava-se o terço e a ladainha de Nossa Senhora. Depois sempre tinha uma mesa farta de doces e biscoitos. Todo mundo comia. Muitos nem gostavam de rezar, mas iam pelo lanche” (Evaristo, 2017, p. 44). Assim, a autora expõe como a religião permeia momentos de crença, devoção, de busca por renovar as esperanças, mas também indica aqueles momentos em que os santos eram aclamados para livrar do sufoco a vida, como quando durante as várias tempestades a personagem Joana, por exemplo, “bastava um clarão e um grito maior no céu, ela agarrava os filhos, subia para a cama e punha-se a rezar. Queimar ramos bentos, rezava a Salve Rainha, e pedia à Santa Bárbara que tivesse clemência, abrandasse a chuva e ventos” (Evaristo, 2017, p. 139), em que as preces

direcionadas à Santa Bárbara não eram apenas para segurar o barraco, impedir que chuva levasse o pouco que tinham, mas também por, “com a persistência da chuva, era pior. Tudo ia ficando úmido, tudo mofo, tudo barro, tudo lama e frio. Os agasalhos eram poucos, muito poucos. As roupas das patroas não secavam. O trabalho custava tanto e pouco rendia (Evaristo, 2017, p. 139).

O brutalismo poético de Conceição Evaristo explora como as águas influenciam/conduzem o percurso da vida. Seja em meio às alegrias, como as torneiras públicas que serviam o morro e que transbordavam não apenas água, mas que ampliavam as possibilidades de viver, tomar banho depois do sacolejo de carregar os baldes com água para dentro do barraco, de ganhar algum dinheiro lavando roupa, de reforçar os vínculos entre os seus, sendo em meio do lavar roupa nas torneiras que se contava da vida. Mas também as águas eram vistas nos momentos de pranto, pelo medo de que ela levasse a vida e o seu morro abaixo. Ou então, naqueles momentos de perda, de desvincular o contato com os seus, principalmente quando o rio conduz ou é utilizado para ceifar a vida, como quando Conceição Evaristo narra a história de Totó, quando fugia com sua família da fazenda:

O rio estava bebendo tudo que encontrava pelo caminho. Pedras paus, barrancos, casas, bichos, **gente e gente e gente...**

O rio, como a vida, levava tudo de roldão. Levava rápido, era só Deus piscar os olhos, deixar de vigiar a gente um tiquinho só **o rio vinha bebendo, engolindo tudo** (Evaristo, 2017, p. 28, grifos nossos).

As águas do rio aqui, como correntezas, conduzem para a brutalidade da vida. Na narrativa, o personagem Totó perdeu sua primeira esposa e filhas para as águas que não permitiram que todos escapassem juntos da escravidão. A sede do rio que ia “bebendo tudo que encontrava pelo caminho” (Evaristo, 2017, p. 28) serve de trocadilho na narrativa para explorar os desastres não como problemas ambientais, mas como irregularidades da vida provocadas pelas desigualdades sociais, intensificadas ainda com as disputas de terras, como quando expõe, que “as águas do Rios das Mortes calavam um segredo que era delas, do Coronel e de seus capangas” (Evaristo, 2017, p. 58). As águas do rio expunham os corpos daqueles que foram assassinados arremessados no rio pelos capangas do Coronel Jovelino, que, davam aos familiares dos Zica a notícia de que mais

um integrante da família não havia resistido e entrou nas águas para se afogar. Pacto de silêncio selado entre as águas, coronel e os capangas, até que a morte de Pedro Zica foi vista por um menino. As terras quilombolas sempre foram motivo de disputas, seja para o reconhecimento e encontro com os seus, ou pelas mortes e desaparecimentos motivados por ela, quando coronéis e fazendeiros usavam do que fosse preciso para tomá-las. Ou seja, são as formas utilizadas para concretizar as alianças e distinções impostas pelo pacto da branquitude. De tal modo, os becos se fazem corpo de um conjunto ancestral, marcas identitárias de valorização e reconhecimento de si e dos/com seus.

Mesmo que a discussão sobre a terra já tenha sido conduzida pela análise em *Ponciá Vicêncio*, trago novamente essa questão para mediar a reflexão das três obras analisadas. Em *Ponciá*, a terra, inclusive a relação entre enterrar o umbigo nela, é intensificada à medida que a menina domina o barro, e, quando adulta, o contato com a terra a faz reviver. Junto a isso, Conceição Evaristo narra um cenário em que o vilarejo de Ponciá é um quilombo, onde compartilham saberes, alimentos e estadia, mas que constantemente vive sob as ameaças do coronel, que recolheu da maioria o documento que concedia as terras quilombolas, com a desculpa de cuidar para que o papel não fosse extraviado, mas que nunca mais voltou às mãos de seus donos. Em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo utiliza as lembranças das personagens, daquelas por elas vividas ou das contadas pelos seus, para demonstrar as relações entre a terra e a ancestralidade, principalmente marcada pela convivência nos quilombos, constantemente ameaçada. Assim, quando traz para reflexão a posse de terras, indica que as personagens percorreram distintos caminhos, aquelas que experienciaram a escravidão e fugiram para os quilombos, e aquelas que tiveram acesso a terras por meio do reconhecimento tardio, como terras quilombolas, mas, dado o avançar da especulação atribuído ao plantio de grandes fazendeiros, muitas vezes vender ou fugir para os grandes centros e viver sobre o morro foi a melhor maneira encontrada para tardar a morte. Essa característica é encontrada em *Ponciá Vicêncio* e conduz toda a narrativa de *Becos da Memória*, em que aqueles/as que buscaram alternativas passaram a viver sob a ameaça da desapropriação do morro conduzida pela especulação imobiliária, de secar as torneiras que abasteciam a vida e o movimento da favela. O protagonismo das personagens demonstra o conhecimento sobre a Lei de usucapião, e que mesmo há anos naquelas terras, não foi suficiente para conter a existência do vazio deixado pelas máquinas em que os becos só ficaram na memória.

Os corpos em meio aos Olhos D'Água: anseios, desejos e esperanças

Em *Olhos D'Água*, as memórias sobre o passado, as relações com o quilombo, as dificuldades em viver na favela, ou até mesmo na rua, como a personagem Di Lixão, do conto de mesmo nome, evocam reflexões sobre as dificuldades da população negra de acesso à terra e sua manutenção no Brasil, como nas disputas por terras entre quilombolas e fazendeiros, na burocracia envolta e no valor atribuído, em que as condições de ser negro no Brasil tornam ainda mais difícil e atuam de forma conjunta para dificultar o acesso à terra e ampliar as formas de desumanização vivenciadas pela falta dela.

Sobre a relação de terras, Cida Bento (2022) indica que essa é uma questão que marca uma herança histórica que desfavorece a população negra e contribuiu para “forjar um sistema meritocrático”, desde a Lei Eusébio de Queirós⁴. A autora indica ainda que

[p]odemos observar essa questão em outra normativa, a Lei de Terras, que influenciou fortemente a propriedade fundiária e o povoamento do país, pois fez com que a obtenção de lotes passasse a ser feita por meio de compra e venda e não mais por posse, dificultando o acesso à pequena propriedade rural, e, ao mesmo tempo, estimulando a expansão dos latifúndios em todo o país, impedindo a democratização do solo. A monocultura para exportação e a escravidão, articulada com a forma de ocupação das terras brasileiras, pelos portugueses, definiram as raízes da desigualdade social que teve seu início no século XVI e perdura até os dias atuais.

Não por coincidência, o Brasil exibe ainda hoje a maior concentração de terras do mundo e onde se encontram os maiores latifúndios: o último censo agropecuário do país revela que apenas 1% dos proprietários de terras controlam quase 50% da área rural. No entanto, os estabelecimentos com áreas menores a dez hectares representam metade das propriedades rurais, controlando apenas 2% da área total. Dados dessa natureza demonstram como a construção das desigualdades é um processo de estruturação institucional que vai atravessando a história do país.

A colonização europeia das Américas inaugurou um sistema mundial capitalista que ligou raça, terra e divisão do trabalho, conferindo substância a relação de dominação que se constituiu (Bento, 2022, p. 35-36).

Instituída desde 1850, como indica Bento, a Lei de Terras serviu como uma das primeiras bases para reforçar a desigualdade social brasileira. Por meio do pacto relativo à raça e divisão do trabalho, resultou na intensificação da exploração latifundiária para a exclusão da população negra, principais alvos daquele projeto que dificultou o acesso à

⁴ Lei n. 581, de 4 de setembro de 1850, conhecida como Lei Eusébio de Queirós, estabeleceu medidas para a repressão do tráfico de africanos e punição para quem descumprisse.

terra. Quando instituída a abolição, em 1888, jogada à própria sorte, a população negra que fora escravizada encontrava-se sem condições de competir por igual nas relações de trabalho, quem dera estudar, ter salário justo e votar. Reflexos da soberania e poder sobre a vida, agora não mais útil para aquele sistema de trabalho. Um projeto de nação que se consolidou, ganhou diferentes interfaces e reforços que só foi rompido lentamente mediante a luta da população negra para a conquista de alguns direitos.

Conceição Evaristo envolve sua narrativa em meio à terra, usada como fio condutor para percorrer os caminhos entre *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos D'Água*. Como já sinalizado, as três obras possuem semelhanças. Contudo, o imaginário social provocativo da autora, em *Olhos D'Água*, por meio dos contos, de forma mais incisiva, nos conduz a refletir sobre as dificuldades de se viver na cidade quando se é negro/a, pobre, mulher, criança, analfabeto, dentre outras marcações sociais que agem na configuração do tecido social, múltiplo e costurado a fios de aço. Mas suas bordas e contornos são revestidos pela esperança, uma linha tênue que recria o viver e promove uma vida/pensamento liminar.

Se nas obras anteriores existe a mediação entre campo-quilombo-rural e cidade, em *Olhos D'Água*, os fios de aço que costuram a vida são constituídos pela vida urbana, pelo difícil acesso à terra, pelas diferentes formas encontradas de se viver no meio urbano, pelos perigos que percorrem rios/avenidas, que também levam vidas, seja por acidentes, por balas perdidas que não aparentam tão perdidas assim, pelo frio, fome e pelo vazio do viver. Diferentemente das demais obras, *Olhos D'água* dá maior atenção às mulheres, das mais variadas formas, idades, tamanhos e sexualidades. Da condição de vida daquelas que trabalham como lavadeiras, das mães de muitos filhos, daquelas que cozinham “*e da panela levanta cheiro algum*”, das que não querem ser mães, das encaminhadas para a prostituição, das mulheres estupradas, linchadas, e até mesmo daquelas que, comparadas a tantas histórias, possuem uma vida menos amarga. Como no “Cooper de Cida”, conto que demonstra a vida de uma mulher que vive em um apartamento em frente ao mar, que corre contra o tempo, quando o tempo tenta dominá-la. Assim, mais uma vez Conceição Evaristo, com seu pensamento social, leva a decifrar os vestígios do tempo por meio de distintas histórias que atravessam o passado e o presente, de sua escrevivência e de possíveis confusões com o tempo dos/as leitores/as que se desmancham em novas formas de construir o conhecimento, em pensar em si, nos outros e para os outros.

De certo modo, a ancestralidade que permeia a obra consiste em reforçar os laços estabelecidos entre mulheres. São narrativas que valorizam o feminino, da infância à vida adulta. Infância essa que conduz o tempo e, simultaneamente, serve de abrigo, como forma de barrar as amarguras da vida, ponto esse que pretendo analisar em pesquisas futuras. Em meio a uma história e outra, as personagens parecem correr contra o tempo em busca do viver que, na verdade, já parece ter passado. Como no primeiro conto que leva o mesmo nome da obra, a filha que não consegue recordar da cor dos olhos de sua mãe busca lembrar do passado, daquele vivido e até mesmo do transmitido, pois, com constantes contações de histórias, recorda que, “às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” (Evaristo, 2016, p. 16). Lembranças que não são doces, mas que evocam a fome em meio às condições de miséria, da panela vazia, da boneca quebrada, dos dias de chuva com a mãe, que, “em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas de Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós” (Evaristo, 2016, p. 17). E assim se compreende a mensagem exposta desde o título do livro e reforçada pela capa. *Olhos D'Água* é uma crítica às mazelas da vida que atravessam as histórias de muitas mulheres, crianças e homens de diferentes idades, sexualidades e religiosidades. Contudo, em meio às incertezas, a ancestralidade reforça os laços e faz com que os olhos cheios d'água também sejam banhados pelo reencontro, afetos e sentimentos que geram o conforto em si e junto aos seus.

Um pensar sobre si e sobre as relações com os seus são narrados pela autora como uma forma de constituir outras visões de mundo que rompam com o reducionismo do sofrimento. Assim, o brutalismo poético envolve a dor, mas não é movido por ela. A análise crítica da autora exposta em formato literário reivindica novas formas de narrar a vida, histórias e corpos daqueles que foram ‘minorizados’, que tiveram suas histórias arrancadas e constituídas pelo viés do colonizador. Dessa forma, o fio discursivo que costura a obra permeia os espaços e momentos difíceis de se viver, mas os utiliza como forma de curar a dor, tal como indica Santos (2022),

[a] ferida colonial impediu que as populações oprimidas pela tríplice dominação considerassem o seu passado como fechado e, pelo contrário, o concebesssem como uma tarefa ou missão por cumprir. Foi assim, que o futuro foi sendo constituído em promessa da cura da ferida colonial e da violência que ela constitua. No entanto, em face do ciclo vicioso entre expectativa e frustração, o futuro próximo foi se tornando distante, até chegarmos ao nosso

tempo paradoxal, simultaneamente vertiginoso e estagnado, em que a cura da ferida colonial parece destinada a ser uma miragem (Santos, 2022, p. 101).

Nesse sentido, a inserção de Conceição Evaristo na literatura brasileira e seu reconhecimento, em especial na produção de uma escrita diaspórica, tanto serve para romper com o passado excludente, como alimenta as tentativas de curar as feridas provocadas no passado, mas que ainda, muitas vezes, permanecem no presente. Assim, sua escrita provoca o diálogo entre o tempo, para desvendar os vestígios deixados por ele e que, de alguma maneira, possam ser (re)construídas novas formas de viver e narrar a vida. Assim é que, ainda no mesmo conto, a autora expõe as relações entre as mulheres, entre um passado que continua pelo presente, como pode ser percebido quando:

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu fora de minha cidade natal. **Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas das minhas tias e de todas as mulheres de minha família.** E também, já naquela época, eu entoava **cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue.** Não, eu não esqueço **essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias.** Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que eu nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo **um ritual, em que a oferenda aos Orixás** deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, **águas correntezas.** Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. **A cor dos olhos de minha mãe era a cor dos olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum!**

Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície.

Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. **Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.**

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam

o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como se estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

- **Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?** (Evaristo, 2016, p. 18-19, grifos nossos).

Mais uma vez, a ancestralidade feminina serve de força para seguir e voltar, quando for preciso. É na confiança, no encontro com os seus que se estabelecem as compreensões do mundo e a busca por revitalizar as forças para a continuidade dos caminhos. Mulheres que cuidam de mulheres, mulheres que necessitam de outras mulheres são as redes de apoio imersas nas ancestrais que fortificam a difícil jornada a seguir. São as sábias que convergem à religiosidade, que alimentam a conexão entre distintas mulheres de cujos olhos escorrem lágrimas como as de Oxum. Assim, mais uma vez a relação com as águas correntes se faz como condução da vida permeada pela religiosidade e as relações entre o saber/poder das mulheres. Como destaca Duarte (2021), “na figura de Oxum, o rio é a fertilidade feminina, criação – devir-mulher” (Duarte, 2021, p. 152). O fazer-se mulher no mundo se constitui por meio da aprendizagem, do entrelaçamento da vida do presente com o passado, das escolhas e reconstruções do ser no tempo, sem se afastar dos seus. Como no conto *Olhos D’Água*, avó, mãe e filha se entrecruzam, as suas histórias que parecem se confundir não consistem apenas nas dores que fazem saltar lágrimas pelos olhos, mas na afetividade, no contato umas com as outras, na vontade de viver. Os olhos se tornam tão úmidos por saber mediar a vida com aqueles momentos que fazem viver, ou, como prefere Conceição Evaristo, tornar os olhos como “rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície” (Evaristo, 2016, p. 19).

Ancestralidade como sabedoria que converge à vida é a forma de Conceição Evaristo narrar as histórias. Ao mesmo tempo que contempla o contato com os seus, reforça os laços de crenças, explicações e alternativas de mundo. A crença nos Orixás, na Mamãe Oxum, nas “*Senhoras, nossas Yabás*”, instiga a refletir sobre a conexão entre as mulheres, as alternativas construídas para seguir a vida de modo a perceber como os ensinamentos transmitidos servem de orientação para o presente. Conceição Evaristo, ao partir do presente da escrita, por meio de sua escrevivência, observa o seu tempo, parte de uma realidade em meio a experiências, e, num conjunto ficcional demonstra o

movimentar-se do tempo, os vestígios do passado que ainda transitam, e, sem o desejo de romper os laços ancestrais, revigoram a vida, servem de (re)existência e de alternativas para viver.

Com tantos laços estabelecidos entre mulheres, avós, mães, tias, irmãs, vizinhas, *Olhos D'Água* exhibe mulheres em sua pluralidade, que rompem a feminilidade socialmente desejada, como ser mãe, visto no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, que conta a história da adolescente de 14 anos que usou chás como métodos para escapar da gravidez. Daquelas que nem sempre se reconhecem por não estarem dentro dos padrões socialmente desejados pelo projeto colonizador, mas, ao mesmo tempo, daquelas que são como são, reconhecem seus corpos, sua identidade e exibem performances corpóreas negras. Nesse viver ritualístico entre enfrentar as amarguras da vida e reconhecer-se a si junto aos outros, as mulheres conduzem mulheres. Além daquelas próximas à família, as sábias são representadas por meio das curandeiras, daquelas que afastam os males da vida, mas também evitam vidas inoportunas, como Sá Praxedes, temida no morro que permeia a história de Natalina. Sobre a personagem, Conceição Evaristo utiliza a relação entre sabedoria e ancestralidade, pois, como narra a autora, quando a mãe de Natalina percebe que os chás não estão fazendo efeito:

Ia tentar mais um pouco de beberagens, se não desse certo, levaria a menina para Sá Praxedes. **A velha parteira cobraría um pouco, mas ficariam livres de tudo.** Natalina segurou o temor em silêncio. Sá Praxedes, não! **Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mão vazias.** Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes comia criança! Natalina sabia disso. **Ela também muitas vezes conseguia a obediência dos irmãos menores trazendo a velha parteira até o medo deles** (Evaristo, 2016, p. 45, grifo nosso).

Temos aqui uma reflexão precisa sobre as alianças entre as mulheres, sobre a sabedoria daquelas que dominam os chás para evitar a gestação, sobre as anciãs Praxedes, que significa agir/praticar, que são parteiras, que tanto servem para ampliar a vida como para reduzi-la e isso usar para colocar o medo nos pequenos. O que parece ser apenas uma história, serve para refletir sobre parte de uma realidade que nos é dada a ler. Natalina representa a menina que vai crescendo e descobre a sexualidade, os prazeres do corpo e a busca pela autonomia dele, de decidir quando e como quer ser mãe. Por outro lado,

Conceição Evaristo nos leva à reflexão sobre a gravidez na adolescência, sendo o Brasil o sétimo no *ranking* latino-americano⁵. Ao longo do conto, podem ser observadas críticas ao abandono paterno, em que muitas crianças nascem/crescem sem saber o nome do pai, sobre as mães solas por ausência do companheiro ou por opção. Entretanto, sem reduzir a narrativa a problemas pessoais, Conceição Evaristo nos permite adentrar o cotidiano de muitas pessoas que vivem sob a ameaça do aborto como crime, na ausência de políticas públicas para métodos contraceptivos, de uma educação preventiva, das fragilidades do Sistema Único de Saúde (SUS) para atender pessoas que estão distantes da saúde como direito. Configurações que forjam o presente e exibem suas conexões com o passado. Assim, junto à narrativa sobre Natalina, outros contos, e até mesmo os romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória* nos permitem mergulhar no mundo das ausências e (re)existências em busca de humanizar-se, de curar as feridas e construir novos futuros.

É nesse transitar da vida, do passado ao presente, que os quinze contos de *Olhos D'Água* exibem os reflexos de um passado escravista e de formas de (re)existir em meio às sequelas do racismo. Nesse diálogo temporal, Conceição Evaristo abre o livro com os *Olhos D'Água* e percorre diferentes vidas, histórias e memórias que atravessam uma mistura de ficção/realidade fácil de confundir com a vida comum, daqueles que estão nas ruas, da criança que abandonou a escola, dos estupros, dos abortos, assassinatos, das violências domésticas, das empregadas domésticas, dentre tantas outras associações que nos apresentam o(s) mundo(s) dado(s) a ler repleto(s) de desigualdades, de feridas que devem ser expostas e encaradas como necessárias de serem curadas. Entretanto, sem reduzir às dores da vida, se a obra se abre com os olhos cheio d'água com o sentimento de afeto e reencontro com os seus, Conceição Evaristo percorre as avenidas tortuosas da vida para, no último conto do livro, expor “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”. Parto do pressuposto de que a narrativa diaspórica apresentada no decorrer da obra não limita seu olhar para as dores e sofrimentos, elas devem ser encaradas (sem romantização) para a superação, e no jogo ancestral, sem desvincular o passado do presente, Ayoluwa representa o recomeço, o início de novos tempos e futuros possíveis mediante a alegria

⁵ Conforme levantamento realizado pela Pesquisa das Nações Unidas sobre Juventudes da América Latina e do Caribe (UNFPA), o Brasil ocupa a sétima posição na América Latina. O levantamento indica que, em 2017, em média 65 adolescentes a cada 1 mil meninas de 15 a 19 anos estavam grávidas (UNFPA, 2017). Importante destacar que esse índice é movimentado não apenas pela gravidez indesejada. Um número significativo é constituído em decorrência de estupro. Durante a pandemia existiu o crescimento de casos como esse, tal como demonstram Dayanne Ribeiro de Sá et al, ao analisarem a gravidez na adolescência no período pandêmico (Sá et al, 2022).

movida pela criança. Ou seja, Conceição Evaristo, por meio desse conto, ao mesmo tempo que lembra, demonstra que a alegria nasce da esperança. Ayoluwa é essa alegria que só existiu por (re)existirem, por terem mantidas vivas as esperanças de futuro.

O conto que narra a vida em um vilarejo onde a colheita não vinga, nem mesmo o sol aparecia, “um frio interior nos possuía então, e nós mal enfrentávamos o dia sob a nula ação da estrela desfeita. Ora gotejava uma chuva de pinguitos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos” (Evaristo, 2016, p. 111), a tristeza insiste em ficar, e a incerteza da vida passou a habitar o povoado, a ponto de os próprios ancestrais perderem suas forças. Como narra a autora,

[o]s mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. E a todo instante eles partiam. E, com a tristeza da falta de lugar em um mundo em que eles não se reconheciam e nem reconheciam mais, muitos se foram (Evaristo, 2016, p. 112).

O último conto da obra expõe o dilema a ser enfrentado, as agonias da vida que parece não ter saída, a fragilidade de se viver alcança até mesmo aqueles mais sábios. Assim, depois de transitar pelas avenidas da cidade, Conceição Evaristo utiliza um conto sobre a vida no vilarejo. Com forte representação do viver nas comunidades africanas, da crença nas divindades, dos nomes comuns no continente e seus significados cheios de poder e simbologia, o conto, a partir da análise aqui exposta, insere-se como recomeço, como conexão com a ancestralidade. Não apenas pela trama, nomes, rituais e simbologias referentes à África, mas como retorno às origens, para lembrar como são constituídos os seus, que o tecido social costurado a fios de aço pode ser mais leve, onde as feridas podem ser curadas. Como indica Conceição Evaristo, quando anuncia que a personagem Bamidele estava grávida,

[ã] noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macumbúzia fala, de um estado tal de banzo como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho (Evaristo, 2016, p. 113).

O sentimento de ausência daqueles que já se foram permeia a narrativa. Seja passado ou presente, seja campo ou cidade, Conceição Evaristo exhibe como as fragilidades da vida atingem a todos, e, sem perder as origens, o nascimento da criança representa a conexão entre o grupo, a alimentação e a esperança de viver. Logo, Ayoluwa, nome que representa “aquele que veio para trazer alegria para o nosso povo” (Evaristo, 2016, p. 113), estabelece uma reconexão com a vida, um alimentar-se das (re)existências ancestrais, o reconhecimento de si, com os seus e as tentativas de curar as feridas. Entretanto, conforme a autora, Ayoluwa serve de energia, não de salvação, pois,

[A]yoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria de nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução (Evaristo, 2016, p. 114).

Desse modo, Bamidele e Ayoluwa simbolizam o poder do renascimento, das transformações da vida e da coragem em viver. Mesmo diante da luta, da esperança, quando pareciam perder as forças, Ayoluwa se faz presente, a alegria toma conta e reitera as relações ancestrais. Um diálogo entre passado e presente, entre a ancestralidade e o novo que, conforme a mensagem exposta por Conceição Evaristo, deve servir de alimento para seguir a vida, romper as mazelas que provocam dores e poder experimentar a vida mais doce. É sobre afirmar-se no tempo, reconhecer os que vieram antes e os/as que estão por vir, é não abaixar a cabeça, é seguir para cicatrizar as feridas. O conto de Ayoluwa não é, portanto, um fechamento, mas a abertura para novos possíveis, novas vidas para serem vividas, para a esperança que jamais poderá ser vencida.

Considerações finais: um percurso que segue as correntezas das águas

Dessa forma, as reflexões contidas neste texto objetivam expor a inserção de Conceição Evaristo no campo literário e, com a intenção de discutir características de suas obras, em especial os laços estabelecidos com a ancestralidade e como eles conduzem a narrativa de suas obras, as contribuições do pensamento diaspórico permitem afirmar que as obras analisadas estabelecem uma conexão entre o real e o imaginário, em que o pensamento social da autora, ao exhibir o mundo dado a ler, exige novas formas de

olhar e interpretar o(s) mundo(s), de descolonizar o pensamento e as explicações sociais que nem sempre aceitam as distintas realidades que tecem o tecido social da realidade.

A partir da noção de ancestralidade, pude compreender como o pensamento liminar provoca novas interpretações. Através da observação da narrativa de Conceição Evaristo, identifiquei como água, terra e religiosidade, por exemplo, são utilizados pela autora como formas de demonstrar e reivindicar outras maneiras de compreender o mundo, de descolonizar o pensamento e leitura social sobre os grupos. Com a noção de pensamento afrodiaspórico, compreendi que a autora aborda histórias que movimentam o olhar social do presente, mas com sua conectividade com o passado, não como mero resultado de relações excludentes, mas do protagonismo e conexão com os ancestrais, gerações anteriores que servem como condição para firmar-se no mundo por sua valorização de pertencimento e para lapidar a vida, quando se encontram pedras pelo caminho. De tal modo, a literatura de Conceição Evaristo investe na crítica às distinções sociais excludentes (Zaluski; Paula, 2023) que agem de forma subjetiva nas pessoas. Como um ato de (re)existência, subverte toda a lógica colonialista para resistir e existir no mundo com novos horizontes e expectativas de futuro.

Com muitas lacunas abertas, investi em percorrer os caminhos de Conceição Evaristo. Dada sua escrevivência, de personagens que se confundem com as histórias da autora, como de Ponciá querer estudar, de buscar na cidade um futuro melhor, das experiências e observações de Maria-Nova, em meio a becos e de sua vontade de mudança e investida na escrita, de muitas trabalhadoras, principalmente domésticas que embasam a obra *Olhos d'água*, que investem em novas identidades corpóreas valorativas.

Referências

BÁRBARA, Rosamaria. **A dança das iabás**: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé. 200 fls. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

CAMPOS, Luana Carla Martins Campos; SILVA, Kenia Caroline Vieira da Silva. A prevenção do mal-dos-sete-dias ou mal-de-umbigo por meio da prática da fomentação:

reconhecimento, compreensão e valorização dos saberes tradicionais. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História**, São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011. Universidade de São Paulo (USP), 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares> Acesso em: 20 mar. 2024.

CUNHA, Celina Gontijo; GONÇALVES, Clézio Roberto. A tradição oral das práticas de benzeção. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 30-42, jan. 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/528>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.

DUARTE, Roberta de Araújo Lantyer. Nas águas do rio: o devir de Ponciá Vicêncio. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes de (Orgs.) **Pensamento afrodiaspórico em perspectiva: abordagens no campo da História e Literatura**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. 128-157, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade: Letramento racial crítico e Teoria racial crítica. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, p. 127-160, 2015.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

hooks, bell. Contar histórias. In: hooks, bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, p. 89-94, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MANJATE, Teresa. A ancestralidade e a figura da mulher: entre rupturas e continuidades. In: CONSORTE; Josildeth Gomes; SANTANA. Marise de (Org.). **Mulher negra e ancestralidade**. São Paulo: Selo Negro, p. 16-27, 2023.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar**. 1 ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

OLIVEIRA, Ana Ximenes Gomes de. **Fêmea-matriz: a maternidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira**. 353f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAULA, Elenice de. **Da suavidade às histórias carregadas de pedras: a escrevivência como pensamento social brasileiro em Conceição Evaristo**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

PAULA, Elenice de. Das memórias às histórias: a literatura de Conceição Evaristo e entrelugares de disputas afirmativas. **Communitas**, v. 7, n. 16, p. 144–158, 2023.

SÁ, Dayanne Ribeiro de; SOUZA, João Marcelo Alves de; SALES, Maryane Ribeiro; MARRON, Sandra Nara. Incidência de gravidez na adolescência no período pandêmico nas Unidades Básicas de Saúde em um município da região sul do Estado do Tocantins. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 2022.

SALES, Laryssa Oliveira. **Memorial do projeto AYABAS: O poder feminino**. Memorial do projeto apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Comunicação Organizacional, Brasília, 2020. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/34252/1/2020_LaryssaOliveiraSales_tcc.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Descolonizar**: abrindo a história do presente. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora; São Paulo, Boitempo, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1 ed.; 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. "**Meu Tempo é Agora**". 2 ed: Vol.1. Salvador, BA: Assembleia Legislativa da Bahia, 2010.

ZALUSKI, Jorge Luiz; PAULA, Elenice de. Narrativas literárias e as distinções sociais: reflexões a partir do olhar de Pierre Bourdieu. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 31, n. 62, p. 133–152, 2023.